

O QUE É UM EDUCOMUNICADOR?

O papel da comunicação na formação dos Professores. (I Congresso Internacional de Comunicação e Educação São Paulo/ maio 1998)

Geneviève Jacquinet

Professora na Universidade de Paris 8
Coordenadora de Comunicação do NCE-USP

"Numa época marcada pelos satélites de telecomunicação e pelo minitel ..., a escola vive no ritmo da máquina a vapor."(Mariet 1990)

O que é um educador? Não é um professor especializado encarregado do curso de educação para os meios. É um professor do século XXI, que integra os diferentes meios nas suas práticas pedagógicas. É esta a posição que eu defendo neste debate.

A escola tem sido sempre uma instituição ao mesmo tempo educativa, social e política. Esta tríplice dimensão subsiste, mas cada uma delas já sofreu visível modificação.

- A escola republicana, por exemplo, como lugar de formação da identidade nacional está prestes a se transformar, no contexto mediático e cultural das sociedades modernas, no lugar de formação da identidade local, regional, nacional e internacional.

- A escola sempre teve como objetivo reduzir a desigualdade dando a todos, o acesso ao saber: mas, levando em conta a heterogeneidade dos alunos. Ela não pode fazê-lo senão através de pedagogias diferenciais;

· Enfim, no plano educativo, um dos desafios atuais é confrontar os modos tradicionais de educação e apropriação de conhecimento e a "cultura mediática" dos alunos, para que a educação sirva para promover ao mesmo tempo o espírito crítico do cidadão e a capacidade de análise do educando.

É esse o aspecto que eu gostaria de desenvolver em três pontos:

- Sublinhando fortemente o que opõe a escola aos meios;
- Sublinhando também, o que é mais raramente feito, o que aproxima a escola dos meios, notadamente, as teorias educativas e as teorias da comunicação, nas suas versões mais atuais;
- Introduzindo também, toda vez que se faça necessário, uma distinção entre os meios de massa e o que chamamos "as NTIC ou novas tecnologias de informação e comunicação", porque eles não têm atualmente nem as mesmas especificações, nem o mesmo status na sociedade e portanto sem dúvida alguma, nem a mesma influência, nem o mesmo papel na escola.

Faltará discutir a posição da comunicação na formação dos professores do século XXI, ao menos em princípios gerais - porque as soluções institucionais concretas só poderão ser comparadas e trocadas nas discussões.

Da oposição entre o saber escolar e o saber mediático

Tudo opõe de fato a escola e os meios, estes dois "mastodontes" em seus papéis concorrentes da transmissão da cultura e da formação dos sujeitos individuais e sociais:

- Um é voltado para o passado (o patrimônio), os outros só se interessam pela atualidade;
- Um repousa sobre a lógica da razão, os outros sobre a surpresa do acontecimento, o impacto e o emocional;

Um ignora (ignorava?) a lógica econômica, os outros só funcionam segundo ela.

- Um constroi-se na durabilidade, os outros na efemeridade.
- Um procura formar os cidadãos, os outros os consumidores.
- O estudo dos meios valoriza a subjetividade enquanto a objetividade é subjacente a todas as disciplinas ensinadas na escola.

Podemos declinar também outras oposições, notadamente em aproximação aos modos de apropriação dos conhecimentos:

· Na escola, que é obrigatória, e demanda esforço, o saber transmitido é selecionado, construído, arquitetado segundo uma progressão definida, que se desenvolve no tempo, reputada como objetiva e intemporal, a mesma para todos e igualmente distribuída, ... dá lugar a uma avaliação sistemática. A escola torna-se um lugar privilegiado, em relação ao mundo exterior, encarregada de transmitir a cultura do saber... e é por isso melhor adaptada aos jovens de meios socio-culturais mais favorecidos.

· Nos meios escritos e audio-visuais, o que é transmitido é menos saber do que informações (o que não é a mesma coisa). O saber-informação é fracionado, descontínuo, "em mosaico" como se costuma dizer. O que é privilegiado é "o aqui e agora", o rápido e o efêmero, "a encenação" (da informação) mais do que o conteúdo; o sensacional e o emocional mais do que o racional e o abstrato. Enfim, os meios tratam de todos os assuntos, e não há nenhum controle de aquisição.

Os meios constituem um mundo aberto a todas as influências exteriores, falam de tudo da mesma maneira e abordam todos os registros da cultura. É por isso que eles convêm a todos, mesmo que todos não pensem da mesma forma.

Assim, à primeira vista, saber mediático e saber escolar se opõem e propõem aos alunos "culturas" diferentes: essas culturas serão diferentemente integradas, segundo a origem socio-cultural dos alunos e de sua família.

Os alunos que chegam à sala de aula estão impregnados de "cultura mediática", sobretudo televisiva, porque sabemos, em todos os países atualmente, que os jovens passam tanto tempo em frente à TV (e outras telas) quanto na escola.

Diante dessa situação, os professores são tentados a tomar três posições extremas:

- Ou bem ignoram a influência dos meios e mantêm a tradição da escola ignorando a diversidade das realidades sociais e culturais, repousando sobre o modelo da mediação oral do mestre e da valorização da escrita;

- Ou bem introduzem os meios na escola e servem-se deles para atingir os objetivos pedagógicos que permanecem os mesmos: aprende-se o vocabulário e a gramática, vê-se a História e a Geografia lendo os jornais... esquecendo que trabalhar sobre os jornais é também talvez, por exemplo, "aprender a responsabilidade da coisa escrita" ou "aprender a distinguir um fato e uma opinião"; Ou bem ainda criar cursos especializados de educação para os meios, sem que nada mude no conjunto das outras práticas escolares.

Há uma outra via, mais exigente ainda para os alunos e mestres, mas a única possível no contexto da sociedade de amanhã: a do educador, que aproxima a escola dos meios. Ela apoia-se não somente nas constatações, mas também sobre as aquisições teóricas.

Do que aproxima a escola e os meios

Na prática, efetivamente, não se pode permanecer nessa primeira visão de uma oposição entre saber mediático e saber escolar, por pelo menos três razões:

- Porque não há escolha e, queiramos ou não, os alunos hoje aprendem coisas dos meios, mesmo que seja de uma forma que escapa ao pedagogo e aos pais. A casa não é mais o "lar", não é mais o lugar que permite conservar as crianças ao abrigo do mundo exterior mais do que a sala de aula.

- Porque a escola e os meios têm pontos em comum e o que se aprende na escola pode ajudar a compreender os meios e vice-versa.

- Enfim porque os modos de apropriação do saber mudaram, e mudarão ainda mais na nossa sociedade que desenvolve "as indústrias do conhecimento" (indústria cultural).

Retomemos rapidamente cada uma das razões evocadas:

1. Primeira razão: porque os alunos aprendem dos meios: todas as pesquisas provam e percebe-se que os alunos se referem com mais frequência aos meios do que à escola como fonte de informação. Uma pesquisa recente feita em várias escolas primárias numa das 27 academias na França, colocou em evidência que:

- Quando se pergunta aos alunos quais são as suas fontes de informação sobre a ciência, eles citam jornais e a televisão e muito raramente a escola.

- Da mesma forma em história, quando se lhes perguntou onde aprenderam o que sabem sobre Cristovão Colombo (em 1996, tivemos a festa), eles citaram as histórias em quadrinhos ou a televisão e muito raramente a escola ou os livros. Isto varia, certamente, segundo o meio socio-cultural ao qual pertencem: os que fazem referência aos livros - e que, alias, se exprimem bem melhor que os outros - pensam que "a televisão pode

nos enganar, mas não os livros". Este fato é testemunho de uma representação "livresca" dominante do saber e do conhecimento.

· No que concerne às aprendizagens sociais, os meios e a televisão principalmente são portadores de valores que escapam aos adultos: um folhetim adolescente francês "Helena e seus filhos", descrita por pais e professores é vivenciada pelos jovens de diferentes idades, como ocasião duma educação sentimental.

2. Segunda razão: se é verdade que podemos colocar em oposição o que chamamos os conteúdos fundamentais das disciplinas dum lado e os conhecimentos banalizados pela mundialização da informação, caracterizada pela rapidez e pela descontinuidade (representada pelos meios) de outro, é verdade também que é necessário relativizar esta oposição, porque:

· O saber escolar freqüentemente dá lugar a um "trabalho em migalhas", repartido em períodos "horários" e "disciplinas" e a integração deste conhecimento fragmentado em um saber de conjunto, integrado, é sem dúvida uma das coisas mais difíceis e mais raramente realizada na escola hoje.

· Se os alunos manifestam numerosas aquisições graças aos meios, isso pode entrar em relação com os conhecimentos escolares, pelo menos se ajudarmos os alunos a exprimir, identificar, utilizar e enriquecer estes conhecimentos. Ainda mais que certos alunos, sobre certos temas, sabem mais do que seus pais e professores, e que se faz necessário valorizar todos os conhecimentos, seja lá de onde venham.

3. Terceira razão: e é sem dúvida aquela que a escola e os professores têm mais dificuldade de admitir, é que os modos de apropriação de conhecimentos e de valores mudou, principalmente e justamente sob a influência das tecnologias que ocasionam transformações culturais.

Historiadores e filósofos mostraram muito bem que a escrita e depois a imprensa não mataram o saber como algum chegaram a crer, mas modificaram a referência ao saber, isto é, as condições de sua transmissão, sua aquisição. Modificaram também o sentido que podia ter o fato de aprender "de cor", ou a colocação de rimas correspondentes no tempo da comunicação oral. Quando apareceu a imprensa, ela valorizou o sentido da visão em detrimento dos outros sentidos, donde o interesse (sob certas condições, certamente) da multimídia; ela está habituada a um certo modo de leitura, linear e seqüencial, donde o interesse (aí também sob certas condições), da navegação "hipertextual" que encontramos em certas multimídias interativas.

4. Enfim, última razão, porque as teorias da comunicação como as teorias da aprendizagem atualmente convergem para substituir o paradigma da "transmissão" de conhecimentos, como valores, pelo da "mediação" compreendida como modelo interpretativo e relacional de apropriação de conhecimentos.

Do lado das teorias pedagógicas, podemos sublinhar os resultados dos trabalhos de psicólogos e de especialistas da educação que valorizam:

- A participação ativa do aluno (o que se resume freqüentemente pelo famoso slogan "o aprendiz no centro da aprendizagem") ou seja o papel da "aprendizagem pelo fazer", devida ao pedagogo Freinet e a outros (o "aprender fazendo", para que "a inteligência eleve-se... da mão à cabeça"(Bergson)

- A concepção construtivista da aprendizagem, sobre os passos de Piaget mas também de Vygotsky, de Wallon e mais recentemente de Bruner: concepção que privilegia o significado e sua construção e não a informação e seu tratamento (a aprendizagem como "construção do significado").

- A dimensão cooperativa ou colaborativa ou mutualizante da aprendizagem: ela põe em evidência o papel dos pares e da tutela do adulto nas situações de aprendizagem (a aprendizagem como "ato social").

- A dimensão didática propriamente dita, em ligação com as disciplinas: as pesquisas dos últimos 20 anos mostraram bem que se cada disciplina tem uma especificidade didática (aprende-se sempre "qualquer coisa") , "o que influencia mais a aprendizagem, é o que o aluno já sabe"(Cf Ausubel) : donde deve-se levar em conta "concepções anteriores" ou "representações mentais" dos alunos. Na didática moderna , portanto, o que se deve deduzir logicamente, é que se deve levar em conta o que eles aprenderam dos meios.

Do lado das teorias da comunicação: é interessante recordar a evolução dos modelos comunicacionais e seu impacto relativo sobre as concepções da comunicação pedagógica. O modelo matemático da informação de Shannon (1949, 1976) impregnou durante muito tempo a análise sociológica dos "efeitos" dos meios, e a influência da utilização dos meios na educação de duas maneiras:

- reduzindo o conhecimento à informação

- Assimilando a comunicação pedagógica a uma comunicação unidirecional, do emissor para o receptor: trata-se sempre ainda de "passar a mensagem".

O outro modelo inspirado no neo-marxismo da escola de Frankfurt sobre os efeitos ideológicos dos meios teve uma influência nefasta: ele contribuiu para "diabolizar" a relação escola-televisão e cimentou fortemente a hostilidade dos professores frente aos meios em geral e à televisão em particular.

Este caráter nocivo dos meios, redobrado pelo efeito do modelo globalizante da "reprodução" devido a Bourdieu e Passeron, (1970) ocultou, durante muito tempo, a singularidade das práticas de consumo.

Dois movimentos na pesquisa em comunicação abriram depois novas perspectivas, acompanhando a mudança de paradigma pedagógico da "transmissão" para a "mediação".

- O interesse pelo trabalho do "receptor" transformado em co-construtor da mensagem, característico das novas pesquisas centradas no receptor, em seqüência ao interesse aplicado sobre a comunicação no cotidiano (De Certeau).

- O movimento internacionalista da escola de Paolo Alto (1979) que substitui o esquema "emissor-receptor" da comunicação humana, pelo da "orquestra": acrescentamos aqui a idéia que, na comunicação educativa, o conhecimento construído pelo sujeito resulta antes de tudo das suas interações com os outros atores humanos mas também, com todos os componentes do contexto de aprendizagem, inclusive do contexto mediático.

Assim, pouco a pouco, assistimos a um deslocamento dos problemas ligados à persuasão e à influência dos meios para seu papel na percepção e organização cognitiva da realidade exterior; os estudos de recepção, por seu lado, deslocam-se da análise da relação dual texto-leitor em direção à construção identificadora dos públicos (Dayan, 1992) : o público de jovens escolarizados (classificados pelas "faixas etárias") que vêem televisão é um público que tem sua identidade, sob diferentes pontos de vista, mas particularmente em relação ao saber, em função da camada social a que pertence, mais também em relação a uma história individual singular (Charlot, 92).

É isso que eu quis desenvolver, num artigo recente, qualificando a televisão de "terminal cognitivo": todas as crianças não são iguais frente à televisão, porque "a maneira de assistir diferencia muito o que se assiste": porque a televisão para uns não é mais do que uma "boca furada", não lhes dando acesso à cultura "normatizada" da escola, enquanto para outros, ela é uma alternativa para outras formas de acesso a essa cultura normatizada; porque também, pelo jogo da "distinção" (no sentido de Bourdieu), transmitem muito cedo modelos de apreciação, atração ou de desinteresse pela gama de produtos culturais veiculados pela telinha.

Daí o papel fundamental, mas delicado, da escola e dos professores "educomunicadores".

O que é então um educomunicador?

Um educomunicador é alguém que, tem a dupla função teórica de que falei anteriormente, em ciências da educação e em ciências da comunicação:

- É consciente que uma educação "de massa" e "multicultural", se situa além da simples aquisição de conhecimentos escolares;

- Procura não desvalorizar a cultura mediática, principalmente televisiva dos jovens, em sua especificidade cultural, mas apoia-se nela nos cursos de educação para os meios como em outros cursos;

- · Vê nos meios uma riqueza pelos seus conteúdos informativos certos, mas também pela maneira em que eles fornecem uma representação do mundo: donde a necessidade de analisar e de comparar, visando retificar as ditas representações;

- Está convencido que a uma emissão não é um ato "passivo", mas mobiliza uma quantidade de "micro-saberes" acumulados que o professor pode ajudar o aluno a colocar em relação, para construir seu conhecimento e lhe dar sentido;

O QUE É UM EDUCOMUNICADOR?

Geneviève Jacquinet

<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

· Sabe que, quando ele introduz os meios como objeto de estudo, não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do "poder" econômico e ético (político) que os produz, das "montagens do discurso e da cena" que constrói as mensagens e da audiência que lhes dá "sentido".

Aceita um novo referencial de educador-adulto para o aluno, dos alunos entre eles e um novo referencial de todo o conhecimento: o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto, por correio eletrônico ou fórum mediado);

· Aceita que entrem na escola outros universos e outras modalidades de apropriação da realidade: em particular, ele pode, a partir das emoções provocadas pela televisão, trabalhar sobre diversas "abordagens do real" e construir progressivamente um pensamento rigoroso.

Numa palavra, o educador reconhece que não há mais monopólio da transmissão de conhecimento, e que não é só o professor que tem o direito da palavra. Os professores que introduziram os meios na escola, a imprensa, a televisão, puderam perceber que isso provoca uma mudança nos objetivos e nos métodos de ensino.

· O docente deixa de ser o único capacitado a ensinar, pois sua tarefa fica dispersa;

· O professor que trabalha sobre os meios não dispõe de um corpo de conhecimentos transmissíveis do que sabe e do que não sabe, porque a informação pertence a todos e aos meios. Isso "coloca em pé de igualdade os alunos e professores";

- Conseqüentemente, quando se trabalha com os meios, centra-se a atenção de preferência sobre quem aprende e não somente sobre o que aprende;

- Finalmente o que é aprendido na escola extrapola o quadro escolar e se prolonga na vida cotidiana.

Esse movimento, já engajado com os meios de massa, encontra-se multiplicado atualmente pelo desenvolvimento da informática e das redes de comunicação.

Em contrapartida, diante da proliferação das fontes de informação e de conhecimento, o educador deve, mais do que nunca, reafirmar seu papel insubstituível: não mais de acumular conhecimentos - que se pode encontrar em outro lugar - mas de se servir dos conhecimentos para construir uma certa representação do mundo. Representação essa não mais "objetiva" como se acreditou por muito tempo, mas "relativa", permitindo a adaptação a diferentes situações.

E por isso a escola sempre precisou do que alguns chamam sua função "remota": ele deve se preservar, permanecer um espaço reservado, ao abrigo da agitação do mundo, mas "preservar-se" não quer dizer estar "fora de época". Antes de abordar um tema ou uma noção, o educador pergunta aos alunos o que eles sabem sobre a questão e onde aprenderam. Pede que confrontem suas fontes de informação, que retifiquem os erros e que completem as lacunas, tendo sempre o duplo objetivo: de exigir respeito aos valores democráticos (formação do cidadão) e de acompanhar os progressos cognitivos de cada um (formação intelectual), seja falando de Cristovão Colombo ou da Guerra do Golfo.

Enfim, os docentes devem admitir que as novas gerações têm outras formas de aprendizagem.

As máquinas audiovisuais (começando pela televenda e o gravador) habituaram as jovens gerações a leituras múltiplas e não lineares, contrariamente a seus pais (alguns entre nós) habituados a uma leitura linear da televisão (uma só cena e um só programa de cada vez) - donde esta "inteligência televisual dos jovens" que foi posta em evidência por várias pesquisas.

Donde, finalmente, uma reavaliação completa do que é o conhecimento e da maneira como é produzido: os aprendizes adquirem idéias e conhecimentos através de um processo de reflexão e de investigação. Ao paradigma de transmissão de conhecimentos sucede um modelo interpretativo que não tenho medo de chamar de político: a educação para os meios é uma introdução à democracia.

Como formá-lo?

Vocês compreenderam: para mim, a educação para os meios, o para as novas tecnologias, longe de ser uma disciplina suplementar e necessitar um corpo docente especial, deve tornar-se um componente de toda educação e formação e concerne a todos os docentes.

Essa formação, sob a dupla dimensão teórica de que falei anteriormente, compreende três percursos essenciais.

- Formação para a manipulação das técnicas e dos aparelhos.
- Formação para a especificidade dos meios e tecnologias, como tecnologias intelectuais e não apenas como informação.
- Formação para seu uso pedagógico.

Para o primeiro é necessário confiar nos alunos que sabem fazê-lo freqüentemente bem melhor que nós: ao menos para as aprendizagens básicas (gestão de arquivos, tratamento de textos, tabelas, banco de dados...)

: exceto para os docentes dotados ou interessados em aprofundar seus conhecimentos e em se especializar.

Para o segundo, é necessário introduzir os princípios básicos da educação para os meios na formação inicial dos docentes, assim como na formação continuada, não mais sob uma forma oportunista, mas como ensino tão obrigatório como a formação didática, à qual ele está ligado, como eu mostrei.

E é aí que se introduz uma grande diferença entre os meios de massa e os NTIC.

- Para os meios de massa como "objeto de estudo", trata-se de aprender a analisá-los de um triplo ponto de vista do "poder" econômico e ético (político) que os produz, da "montagem e emissão" que constroi as mensagens e da audiência que lhes dá "significado".

- Para as tecnologias informáticas e para as redes, o que deve ser ensinado é o tratamento e a geração de documentos (palavras chaves, indexação, ...)

· Para o terceiro, a coisa é mais longa e mais difícil: ela precisa de competências profissionais que não se adquirem senão pela experiência. É aí que precisamos de novos modos de formação, ao invés de contar com os estágios e outras modalidades formais de informação que mostraram bem os seus limites:

- Porque essas tecnologias pedem competência em procedimentos (onde aprender e fazer estão intimamente ligados) e que esses conhecimentos são instáveis e em constante evolução;

- Porque seu desenvolvimento implica não somente o individual, mas o coletivo, não somente certos docentes e certos alunos, mas o estabelecimento inteiro.

O QUE É UM EDUCOMUNICADOR?

Geneviève Jacquinet

<http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/saibamais/textos/>

É isso que se passa atualmente: ao nível do conjunto dos tipos de formação informal mutualizando as competências (trocas de documentos-fontes ou de documentos-realizações), colocadas sobre a rede de cenários pedagógicos, fórum de discussões: o papel da instituição permanece indispensável para sustentar as iniciativas e valorizá-las. Mas não é mais do alto que devem vir as injunções.

O lugar relativo dos diversos meios e tecnologias, segundo as famílias e o status cultural relativo que lhe é acordado, é uma fonte de desigualdade. Ele incumbe à escola democrática e aos docentes, prioritariamente, a responsabilidade de corrigir os efeitos, valorizando as diferentes formas e modalidades de aprendizado dos conhecimentos, dos comportamentos e dos valores, colocando-os a serviço da formação do cidadão do século XXI: é tempo que a educação mediática saia do gueto que a torna um suplemento da "alma democrática" para vitalizar todo o tecido escolar.